

## RECENSÕES / BOOK REVIEWS

---

---

GUARDINI, Romano. *Formação litúrgica*. Curitiba: Carpintaria, 2023, 227 p.

---

Sob a responsabilidade de Felipe Sérgio Koller e tradução de Christiane Meier, foi publicada em 2023, pela Editora Carpintaria, de Curitiba, a tradução em língua portuguesa da obra intitulada: *Formação litúrgica*, de Romano Guardini. Originalmente, esta obra foi publicada em 1923 e revista pelo próprio autor em 1966, logo após o Concílio Vaticano II.

Como se pode deduzir a partir do próprio título, este livro se propõe a tratar da formação litúrgica que, conforme elucida o editor na *Apresentação*: “(...) hoje, após cem anos, é provavelmente mais atual do que quando foi escrito”. Prova disso é o destaque que Dom Jeronimo Pereira, OSB, dá no prefácio dessa edição, retomando a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, do Papa Francisco, publicada em 2022, na qual Guardini é citado cinco vezes, ultrapassando, portanto, o limiar da academia e chegando a todos os fieis.

Ainda, de acordo com o autor do prefácio, Guardini “se encontra diante de uma encruzilhada que brama por equilíbrio: são as razões próprias do sujeito ‘forma ritual’ (suas características fundamentais, essenciais, sem as quais ela se torna deformada) a impor a necessidade da formação para que ela seja respeitada e não se torne ineficaz; doutra parte, a formação exige que o sujeito (forma ritual) tenha uma abertura intersubjetiva, para garantir a sua consistência (da formação)”. É isso que justamente, em outras palavras, o Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, sublinhava ao tratar da *ars celebrandi* e, mais uma vez, confere a atualidade da obra de Guardini, disponível agora em língua portuguesa.

Nessa mesma linha, a introdução, de Ângelo Cardita, nos dá pontos de reflexão para a leitura da obra a partir das diferenças evidentes e das semelhanças que podemos verificar entre o momento em que *Formação Litúrgica* foi gestada, em solo alemão, e a atualidade, especificamente aquela vivenciada no Brasil. Efetivamente, segundo Cardita, são as semelhanças que trazem à baila a profundidade dessa problemática tão atual.

Levando, pois, em consideração a necessidade de uma formação contínua pela liturgia e não para a liturgia, Romano Guardini, após o preâmbulo, no qual enfatiza que essa obra

se trata de um aprofundamento de *O espírito da liturgia*, publicada cinco anos antes e que ajudou a moldar o movimento litúrgico do século XX, reúne seus ensaios assim:

I. A *tarefa* é o título do primeiro ensaio, no qual o Romano Guardini coloca como premissa a noção de que a liturgia se refere à realidade como um todo. Isso porque a liturgia envolve um fazer, um ordenar e um ser, muito mais que um compreender no sentido científico. O autor discute a tarefa da liturgia que é a da *formação* porque a liturgia é o núcleo de uma vida eclesial e católica indivisa. Ele olha com preocupação para a relativização característica da contemporaneidade, mas, valorizando a criatividade do passado, olha também com esperança no futuro e no próprio presente questionando como uma verdadeira vida litúrgica pode surgir em meio às vicissitudes do cotidiano.

II. O segundo ensaio é intitulado: *Alma e corpo*. É possível perceber que nesse ensaio o autor toma parte do *et* católico, princípio fundamental para compreendermos a Igreja e a vida na Igreja e, de modo mais especial, a vida litúrgica. Especificamente, Guardini considera a filosofia de Aristóteles em relação àquilo que disse no preâmbulo, isto é, de que há uma ordem que a liturgia envolve. Ele fala que a alma é enteléquia viva do corpo, ou seja, que o homem é um todo de corpo e alma e que nessa dinâmica também existe uma tarefa de *formação*, pois é no homem que o mundo espiritual, o inteligível, se liga ao mundo material. O homem é a única substância na qual dois componentes essenciais, isto é, o corpo e a alma podem ser distinguidos, podem ser distintos, sim, mas não divididos. Ele enfatiza uma relação simbólica entre corpo e alma no homem a partir da formação litúrgica para torná-lo capaz do símbolo, para torná-lo capaz de orar corporal e espiritualmente.

III. O terceiro ensaio é intitulado: *Ser humano e coisa*. Nele, Guardini aprofunda ainda mais as questões levantadas no ensaio anterior tratando do desejo do homem, a partir do seu corpo, de ordenar, de dar alma para cada parte do mundo com que se relaciona. O homem cria, portanto, um corpo expandido que o permite se sentir parte da plenitude do espaço e do tempo, sendo senhor e servo da criação. Ao transpor o pensamento para o âmbito religioso, Guardini destaca a ordem do espaço de culto e as ações sagradas que acontecem de acordo com o tempo, mas o corpo se expande na medida em que uma igreja paroquial está ligada a uma catedral, mas também possui um cemitério, as suas capelas e as vias onde se realiza uma procissão. Assim, a liturgia permite que o que acontece na alma do homem se expresse na materialidade pelo poder de Deus. Em seguida, o autor sublinha que, com o tempo, o homem perdeu parte desse poder de expressão da revelação de Deus nas coisas. Ele retoma, em outras palavras, a reflexão sobre o relativismo que

pouco a pouco passou a fazer parte do seu cotidiano, no qual a religião passou a ser apenas um código ético-moral fazendo com que a liturgia também perdesse o seu espaço. Todavia, o olhar de esperança que Guardini tem é mais uma vez trazido à baila. Ele percebe que há uma mudança em curso que desperta no homem a consciência da relação entre as coisas e da ordem que tudo permeia, que o torna capaz de perceber que ele não faz parte do relativismo que se impõe. Há algo que chama a atenção do homem que se torna símbolo e que, em última instância, faz o homem ser cada vez mais humano no sentido de unidade entre corpo e alma. Guardini chama à atenção que o homem precisa voltar à realidade, ao essencial, de assumir a tarefa de formar símbolos, pois é a partir disso que uma renovação da formação litúrgica se torna possível. Após, o autor toma diversos elementos da liturgia, como a água, o fogo, o incenso; e busca demonstrar como eles se tornam sinal expressivo da plenitude por meio de uma relação que permita uma vivência concreta.

IV. *O indivíduo e a comunidade* é o título do quarto ensaio. Aqui, Guardini dá sequência à obra tratando do homem inserido na comunidade, pois este é o local no qual uma relação recíproca essencial pode acontecer. É no homem que a autorrevelação e autocomunicação de Deus se dão por primeiro e depois na comunidade, mas é na comunidade que o homem se encontra e se relaciona de modo vivo. O autor chama à atenção para os perigos do individualismo e do universalismo e propõe o desejo pela Igreja como um todo para amá-la e vivenciá-la onde ela se encontra para, por meio da liturgia, a totalidade humana, indivíduo e comunidade, possa se renovar. Após, Guardini trata do senso de unidade que se tinha na comunidade cristã primitiva, na Antiguidade, e que foi se perdendo ao longo do tempo e recuperado na Idade Média, com o Sacro Império Romano Germânico, juntamente com o sentido de personalidade que estava em meio a essa unidade. Ao evocar a Modernidade, ele fala que a autoconsciência da personalidade desenvolveu o seu aspecto crítico e a cultura se desintegrou em várias partes que, por sua vez, desenvolveram-se por si mesmas. Isso fez com que o indivíduo perdesse a conexão com o outro em uma unidade superior e caracterizasse essa época pelo isolamento e pela falta de desejo de conexão com o outro. Porém, uma nova forma de pensar foi instalada na qual o homem aprende a ver o real e, conseqüentemente, ver o outro e se sentir responsável por ele. Conseqüentemente, isso proporciona um nível mais alto de vontade e de consciência comunitária que tende a recuperar aquele senso de unidade que se tinha, apesar das vicissitudes inerentes a esse processo; e a rejuvenescer a Igreja no sentido de que se terá uma consciência de que ela é o “todo cristão”, que abarca a plenitude. É essa

Igreja, na qual cada indivíduo é membro consciente, que, propriamente, realiza a liturgia e está viva em cada diocese, paróquia ou comunidade. Por isso, uma outra tarefa da liturgia que Guardini expõe é a de educar para uma consciência religiosa comunitária, pois é nesse exercício que a consciência se dilata.

V. O quinto ensaio é intitulado: *O objetivo*. Guardini inicia esse ensaio sublinhando a necessidade do objetivo. Ele apresenta como se dá um comportamento expressivo subjetivista baseado na experiência e o contrapõe com um comportamento expressivo baseado em seu conteúdo, objeto, nas realidades, verdades e essências. É nesse último que o eu se sente como real entre as realidades e percebe o seu sentido porque está voltado para o além, enraizado no metafísico, no permanente, no necessário. Ao longo deste ensaio, o autor continua a demonstrar questões do lado subjetivo e do lado objetivo, porque são esses os polos do comportamento expressivo e, portanto, de toda a cultura. Eles caminham juntos, mas podem ter diferentes proporções; e isso é evidenciado por Guardini com exemplos históricos criticando os perigos do subjetivismo na Modernidade, porque Deus é a origem de toda a realidade. É a partir disso que o movimento juvenil deixou claro que o homem objetiva o real, o essencial, o verdadeiro. No âmbito religioso, é na liturgia que o objetivo se manifesta de maneira mais forte. Guardini chama à atenção à postura de oração litúrgica como expressão formal e objetiva da alma no corpo. Quando isso acontece, tudo o que é subjetivo, tudo o que não é digno de ser pronunciado e realizado diante de Deus, fica em segundo plano. O homem, então, torna-se de acordo com a sua natureza desde que esteja se configurando a Cristo. Com efeito, Guardini sublinha que a liturgia é autoexpressão do homem, mas do homem como deve ser, pois assim a verdadeira transformação se torna possível. Em seguida, retoma a questão da postura litúrgica e insiste que, então, nada fica à mercê do movimento espontâneo e da agitação interior, mas que tudo é desenhado com as leis de uma sensibilidade aguçada para a forma. Há, portanto, um destaque para o que realmente é essencial. Por isso, Guardini apresenta novas tarefas para a formação litúrgica relacionadas à questão de atitude: precisamos sair da estreiteza e da arbitrariedade subjetivas para a amplitude e a ordem objetivas; precisamos nos alegrar naquela forte obediência e disciplina que conduzem a essa atitude.

VI. *Sobre a relação entre religião e cultura* é o título do sexto e último ensaio da obra. Nele, Guardini inicia falando dos limites e riscos dos pensamentos apresentados ao longo dos outros ensaios e sublinha e desenvolve a objeção de que pode haver uma preocupação de introduzir uma tendência de época e de moda no campo sagrado da religião

sobrenatural, colocando-a em perigo. Ele apresenta o aparente paradoxo entre o novo e antigo; insiste que para cada cristão é um dom poder ser partícipe de um encontro onde novo e antigo, na verdade, se complementam, na Igreja; e que isso traz felicidade. Guardini também se debruça sobre outra objeção, a do efeito prático e imediato. Contudo, o autor assevera que o trabalho da renovação litúrgica seria um desperdício porque não seria possível identificar os seus propósitos, bem como a liturgia passaria a ter um caráter antiquado e não pedagógico. Daí a necessidade de uma formação litúrgica de valor permanente, que envolva o *querer ser*. Uma terceira objeção é da tensão entre religião e cultura. Guardini se aprofunda sobre a relação entre o homem e Deus e de como a cultura se esforça para constituir-se como o verdadeiro e definitivo ao passo que tenta desvalorizar a religião ao afirmar que ela só é necessária para pessoas rudes e limitadas ou a tem como inofensiva. Por outro lado, o autor lembra que a religião também buscou manter a cultura para longe de si e olhou com suspeita para a tentativa de decodificar a realidade cristã com a ajuda de meios culturais ou de embutir valores culturais naqueles religiosos, porque, assim, ela sente o risco de que Deus esteja se tornando muito íntimo; e de que o homem o torne inofensivo, cercado-se de uma armadura de coisas, palavras e instituições que o anestesiavam para a noção de “decisão”. Segundo Guardini, a acusação de que a liturgia promove “cultura religiosa” seria a mais profunda e é por isso que ele sinaliza que aqui está o perigo da pedagogia litúrgica, mas que, na verdade, é só para quem não a conhece e não possui uma fé viva, não leve a sério a própria salvação e o Reino de Deus. Então, o autor sublinha que o objetivo da obra é ser um meio para servir à verdadeira fé cristã e que somente assim será possível obter uma boa formação litúrgica.

Por fim, a obra apresenta a carta: *O ato de culto e a tarefa atual da formação litúrgica*. Essa carta foi escrita por Romano Guardini em 1964 por ocasião do 3º Congresso Litúrgico, em Mainz, e revisada em 1966. Ele expressa o seu desejo de querer participar do evento, o que não foi possível à época. Nessa carta, Guardini fala do fundamento posto pelo Concílio Vaticano II, da ação pedagógica do Espírito Santo e se pergunta como iniciar o trabalho para que a verdade reconhecida se torne realidade. Ele parte do ato litúrgico e o desenvolve ao longo da carta para sustentar a tarefa árdua da formação litúrgica.

Marco Antônio Pensak<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestrando em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: marcopensak@icloud.com